

O ENSINO E A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: RELAÇÕES/IMPLICAÇÕES COM AS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

TEACHING AND LEARNING IN BRAZILIAN EDUCATION:
RELATIONSHIPS/IMPLICATIONS WITH THE MAIN PEDAGOGICAL TRENDS

Paulo Fernando Campagnolli¹
Marinho Celestino de Souza Filho²

RESUMO: Esse artigo, produzido a partir de pesquisa bibliográfica, pretende mostrar alguns conceitos de Ensino e de Aprendizagem na Educação Brasileira. Procura apresentar ainda as relações/implicações do processo de ensinar e, do processo de aprender com as principais Tendências Pedagógicas.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Educação Brasileira. Tendências Pedagógicas.

ABSTRACT: This article, produced from bibliographical research, intends to show some concepts of Teaching and Learning in Brazilian Education. It also seeks to present the relationships/implications of the teaching process and the learning process with the main Pedagogical Trends.

Keywords: Teaching. Learning. Brazilian Education. Pedagogical Trends.

INTRODUÇÃO

Tentaremos elencar, nesse artigo, as questões que permeiam o Ensino, a Aprendizagem e as principais Tendências Pedagógicas Brasileiras, por isso, alguns questionamentos devem ser feitos:

¹Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Licenciado em Filosofia e especialista no Ensino de Filosofia e Sociologia, Professor de Filosofia no Instituto Federal de Rondônia – IFRO. E-mail: paulo.campagnolli@ifro.edu.br

²Doutor em Língua Portuguesa pelo IFRO – Campus Ariquemes pelo Programa Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC). Mestre em Linguística pela UNIR – Universidade Federal de Rondônia – Campus Guajará- Mirim. Especialista em Língua Portuguesa pela UNIR – Universidade Federal de Rondônia – Campus Ji-Paraná. Licenciado em Letras: Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas pela UNIR – Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura. <http://lattes.cnpq.br/8960787884645020>. E-mail: souzafilhomarinho20@gmail.com

- a) Em primeiro lugar o que seriam o Ensino e a Aprendizagem?
- b) Quais seriam as relações que existem entre estes termos?
- c) Qual é a função da Educação?
- d) Qual é o objetivo central da Didática?
- e) Quais as contribuições oriundas da Didática servem para aprimorar a Educação Brasileira?
- f) Quais relações são estabelecidas entre a Didática e outras áreas do conhecimento?
- g) Quais seriam as relações existentes entre os termos Ensino e Aprendizagem?
- h) E quanto às principais Tendências Pedagógicas Brasileiras, quais as relações/ implicações teriam com o Ensino e a Aprendizagem?

Dessa forma, no intuito de tentar responder aos questionamentos que anteriormente formulamos, recorreremos a Hirst (1971), Passmore (1980), Libâneo (1994, 2002), Cagliari (1998), Freire (1998), Ferreira (2001), Weiss e Sanches (2001), Redegife (2002), Ferrarezi Jr (2003), Gilberto (2005), dentre outros.

2. Discutindo a questão do Ensino e da Aprendizagem

Portanto é primeiramente com Ferreira (2001, p. 270), que pretendemos responder ao primeiro questionamento proposto nesse trabalho, desse modo, ao vocábulo Ensino devem se associar os seguintes sentidos: 1. *Transmissão de conhecimentos; instrução.* 2. *Os métodos empregados no ensino.*

Já para Weiss e Sanches (2001, p. 93), ensinar é completamente diferente de aprender:

quando um professor pensa que ensino e aprendizagem são duas faces de um mesmo processo, faz sentido acreditar que, ao fim dele, só existam duas alternativas: o aluno aprendeu, ou não aprendeu. Diferentemente disso, se ele vê a aprendizagem como uma reconstrução que o aprendiz tem de fazer dos seus esquemas interpretativos e percebe que esse processo é um pouco mais complexo do que o simples “aprendeu ou não aprendeu”, algumas questões precisam se consideradas.

Assim, conforme se nota, ensinar e aprender não são exatamente duas fases de um mesmo processo, ou seja, são fases distintas de processos também distintos, é o que ratifica Passmore (1980, p.1):

[...] "Ensinar", escreve Israel Scheffler, "pode ser caracterizado como uma actividade [...] que visa promover a aprendizagem e que é praticada de modo a respeitar a integridade intelectual do aluno e a sua capacidade para julgar de modo independente". Inúmeras questões estão, porém aqui envolvidas. Será verdade que o objectivo [...] do ensino é a consecução da aprendizagem? Não poderá um ser humano ensinar outro de forma inconsciente, pelo simples exemplo? ("Ele ensinou-me, embora não intencionalmente, que não se deve confiar nas autoridades").

Logo, dessa citação, percebe-se que ensinar não é sinônimo de aprender, apesar de o ensino visar à aprendizagem, isso não nos permite afirmar que ensinar é o mesmo que aprender, porque, conforme Passmore (1980), podemos ensinar inclusive de maneira, de modo inconsciente pelo simples exemplo. Entretanto, ainda, conforme Passmore (1980, p.1-2), definir a palavra Ensino não é tarefa fácil:

A palavra "ensino", como a maioria das palavras de uso diário, não tem limites perfeitamente definidos. Um professor pode queixar-se com razão, dizendo: "Estou há seis meses a ensinar matemática a esta turma e os alunos ainda não aprenderam nada". Pareceria, pois, que Scheffler tem razão: ensinar é ter como objectivo [...] "promover a aprendizagem", mas não, necessariamente, alcançá-la.

Do exposto, percebe-se que não só há complexidade no ato de ensinar, mas também no ato de tentar definir com certa lógica a palavra Ensino.

Porém, é fato que o Ensino visa à aprendizagem, apesar de que nem sempre possa promovê-la.

Nesse sentido, Hirst (1971, p. 65) mostra:

que há concepções de ensino inadequadas, ou seja, os Métodos Educacionais desenvolvidos ao longo do tempo não esclarecem muito bem o que seria ensinar e ainda não deixam claro sobre o quê ou quem se centraria o Ensino, porque muitas vezes o ato de ensinar centra-se apenas nas atividades dos alunos, como: pesquisa, trabalhos, investigação, etc. Esquecendo-se assim das atividades do professor: [...] o que é ensinar? Como distinguir o ensino das outras actividades [...]. Trata-se a meu ver de uma pergunta muito importante. Pelo menos por quatro razões. Primeiro, porque muitos dos actuais [...] métodos educacionais estão construídos com base num conceito de ensino que está longe de ser claro. Com muita freqüência esses métodos

dão ênfase quase exclusiva às actividades [...] dos alunos, actividades de investigação, de descoberta, de jogo, mas não às actividades do professor.

Desse modo, Gilberto (2005, p. 1), mostra-nos que não é só importante ensinar, mas, principalmente aprender, o autor ainda afirma que se privilegia o Ensino em detrimento da Aprendizagem: O objetivo deste texto é analisar as diferenças entre ensino e aprendizagem e apresentar os paradigmas modernos que reforçam a importância da aprendizagem ao contrário dos paradigmas conservadores que enfatizavam o papel do ensino. Aprender, segundo Mira Y López [...], é *aumentar o capital dos próprios conhecimentos. Aprender é, via de regra, um caso especial do processo de comunicação.*

Apesar de parecer que o autor anteriormente citado simplifica o processo de Aprendizagem, ele mostra que é totalmente diferente o ato de ensinar e o ato de aprender.

Assim, Gilberto (2005), mostra que a Aprendizagem se dá exclusivamente pelo processo de Comunicação, por isso, cria a tese de que três elementos são essenciais no ato de aprender: **A**, **B** e a **Mensagem**.

Dessa forma, descreve o processo de Aprendizagem: **A** deseja informar a **B** sobre algo, por isso, **A** dispõe de uma **mensagem** que **B** quer ou precisa receber, dessa forma, se **A** não dispuser de uma **mensagem** e se **B** não estiver disposto a recebê-la, não haverá Aprendizagem. Nesse sentido, Cagliari (1988, p. 36), também nos ajudará a compreender melhor as questões acerca do ensino e da aprendizagem. Para esse autor ensinar seria: [...] *um ato coletivo: pode-se ensinar a um grande número de pessoas presentes numa aula ou numa conferência, etc.*

Já no que tange à aprendizagem, Cagliari (1988, p. 37), mostra-nos que enquanto o Ensino é uma atividade coletiva, a aprendizagem é um ato individual:

Aprender é um ato individual: cada um aprende segundo seu próprio metabolismo intelectual. A aprendizagem não se processa paralelamente ao ensino. O que é importante para quem ensina, pode não parecer tão importante para quem aprende. A ordem da aprendizagem é criada pelo indivíduo, de acordo com sua história de vida e, raramente, acompanha passo a passo a ordem do ensino.

Dos conceitos anteriormente mencionados, podem-se fazer algumas leituras, a primeira é que somente o ato ou efeito de transmitir conhecimentos ou instrução seria ensinar, a segunda: a relação do ensino com a aprendizagem não é necessariamente

uma relação diretamente proporcional, ou seja, isto não significa que se eu transmito certo conteúdo, ou conhecimento, ou instrução a certo sujeito, isto não quer dizer que esse sujeito aprendeu esse conteúdo, esse conhecimento ou essa instrução.

Assim, sabe-se que muitas vezes se ensina muito e o sujeito pouco ou nada aprende, por isso, o ato de ensinar não implica necessariamente o ato de aprender. Dessa forma, existem muitos sujeitos conhecidos como autodidatas, ou seja, aqueles sujeitos que aprendem sozinhos. Além disso, muitas vezes se ensina algo a alguém inconscientemente sem que haja uma intenção prévia para isso, todavia, parece que quando se ensina, aprende-se mais fácil, não estou afirmando que não se deve ensinar, nem seria tão inocente a ponto de sugerir que o ensino não gera a aprendizagem, é óbvio que o ensino, na maioria das vezes, mas, nem sempre, gera a aprendizagem.

Por isso, acredito que essa relação entre ensino e aprendizagem não se realiza de uma forma diretamente proporcional.

Nesse sentido, tentamos responder as duas primeiras questões propostas ao longo desse trabalho acerca do ensino e da aprendizagem, por isso, agora, pretendemos responder as outras questões que faltam, são elas:

- Ø Qual é a função da Educação Brasileira?
- Ø Qual é o objetivo central da Didática?
- Ø Quais as contribuições oriundas da Didática para aprimorar a Educação Brasileira?
- Ø Quais as relações são estabelecidas entre a Didática e outras áreas do conhecimento?

Isto posto, vejamos no item 3, algo sobre a função da Educação no Brasil

3. A Função da Educação Brasileira

Para tentar responder a primeira pergunta formulada no item 2 desse estudo, recorreremos a Ferrarezi Jr. (2003, p. 83) e, segundo ele a Educação tem que ser transformadora, por isso, afirma que: [...] *Uma educação transformadora não se constrói pela ação do acaso.*

Nesse aspecto, o que significa educar alguém? Será que educar alguém é ensinar a essa pessoa a decorar fórmulas e regras?

Parece óbvia a resposta da pergunta feita anteriormente, é claro que educar alguém não significa apenas fazê-lo decorar fórmulas, normas e regras, mas sim

intervir no comportamento dessa pessoa, isto é, a Educação deve pelo menos influenciar no comportamento do aprendiz para melhor.

Sendo assim, mais duas perguntas devem ser feitas: O que houve com a Educação e o que houve com os professores? Alguém mais quer, deseja ser professor?

Nesse sentido, basta verificarmos as estatísticas fornecidas pelo próprio **MEC – Ministério da Educação e Cultura** para confirmarmos a defasagem de educadores em todo país, faltam 250 mil professores no Ensino Médio, as causas são simples, apesar de os governantes quererem complicá-las: baixo salário, desvalorização profissional, falta de prestígio social, hipervalorização dos alunos: “o aluno **pode tudo e o professor nada pode**”, aliás, a Educação praticada no Brasil parece ser uma Educação feita somente para o aluno, pelo aluno.

Dessa maneira, como querer, desejar ser professor, sem falar ainda e isto conta muito que o salário do professor brasileiro de acordo com Redegife (2002), principalmente, se atuar nas séries iniciais é considerado o terceiro pior do mundo.

Contudo, um profissional bem remunerado com certeza trabalhará melhor, por exemplo: se ele possui quarenta horas semanais e recebe o salário de dez mil reais mensais, certamente não terá necessidade de aumentar sua carga horária trabalhando em outras escolas, entretanto, se o profissional da educação recebe um salário digno, ele pode é reduzir sua carga horária, ao invés de ampliá-la e a primeira consequência disso seria uma melhoria na qualidade da educação.

Assim, reduzindo a carga horária e possuindo uma remuneração mais digna, o educador teria muito mais tempo para planejar e para gastar. Talvez as pessoas quando lerem esse artigo, possam estranhar, o que teria a ver planejar com gastar? É simples, quem planeja, gasta e muito.

Dessa maneira, observemos a seguinte situação: o professor planeja uma aula sobre Termos Essenciais da Oração, percebe que o livro didático tem muitas deficiências, portanto, o que ele faz? Busca novas atividades, novos exercícios, novas maneiras, novos modos de ensinar, com isso, ele gasta, vai ter de tirar xerox, formular apostilas, preparar aulas no *power point* etc.

Logo, quem realmente planeja, gasta.

Assim sendo, retomando e aprofundando um dos questionamentos feitos nessa pesquisa, educar alguém, não significa apenas ensiná-lo a decorar fórmulas, normas e

regras, porém, a Educação deve influenciar, mudar o comportamento desses sujeitos para melhor.

Do exposto, não dá para falar em melhoria, qualidade da Educação Brasileira sem antes, melhorarmos os salários dos profissionais que realizam essa árdua, mas, egrégia tarefa.

Desse modo, deve-se valorizar mais o professor e todos os sujeitos envolvidos na Educação de nosso país.

Por ora, acreditamos que a exposição feita anteriormente sobre a Educação Brasileira pode ser considerada satisfatória, porque contempla alguns aspectos essenciais para a realização do Ensino e da aprendizagem, como por exemplo: aspectos sociais, históricos e, sobretudo a valorização de fato dos sujeitos envolvidos nesse processo. Sendo assim, voltemos a outra questão proposta nesse artigo: Qual é o objetivo central da Didática?

4. Objetivo central da Didática

Antes de tratar do objetivo central da Didática, trataremos do seu conceito. Segundo Libâneo (1994 b, p. 52), a Didática seria:

[...] uma das disciplinas da Pedagogia que estuda o processo de ensino através dos seus componentes – os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem – para, com o embasamento numa teoria da educação, formular diretrizes orientadoras da atividade profissional dos professores.

Da citação anteriormente mencionada podemos inferir que a Didática está intimamente relacionada ao ensino, apesar de Libâneo (1994b) mostrar que essa relação é realizada por meio dos componentes didáticos: os quais seriam o ensino, os conteúdos escolares.

Por isso, Libâneo (1994, p. 54) privilegia através da Didática o ato de ensinar em detrimento do ato de aprender: *O objeto de estudo da Didática é o processo de ensino, campo principal da educação escolar.*

Dessa maneira, observamos que a Didática tem como objetivo principal o processo de Ensino. E quanto á aprendizagem? Como dissemos anteriormente, na Didática, infelizmente, não há um lugar especial para a aprendizagem. Ainda que a aprendizagem seja de suma relevância para que o processo de Educação seja bem-sucedido.

Nesse aspecto, acreditamos que tanto a aprendizagem quanto o ensino, apesar de suas diferenças, são extremamente importantes para que de fato se realize o ato de educar.

Nesse aspecto, abaixo, teceremos algumas contribuições provenientes da Didática para aperfeiçoar a Educação Brasileira.

5. Contribuições oriundas da Didática para aprimorar a Educação Brasileira

A seguir, estaremos respondendo as outras questões formuladas anteriormente, nesse caso, passemos para a questão (e): Quais as contribuições oriundas da Didática para aprimorar a Educação Brasileira? Na tentativa de responder à pergunta acima formulada, embasar-nos-emos em Libâneo 291 (2002, p. 5) o qual assevera que:

A Didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe segurança profissional.

Da citação acima, percebe-se que a contribuição primordial da Didática para a Educação Brasileira é que essa disciplina fornece subsídios para criar condições adequadas, a fim de que os alunos tenham um ensino e uma aprendizagem significativos e isso implica que o professor tenha previamente objetivos estipulados para ensinar e ainda que o aluno saiba o quê e para quê está aprendendo certo conteúdo. Ou seja, o ensino e aprendizagem devem fazer sentido tanto para o aluno quanto para o professor. Há de se ter finalidades previamente estabelecidas para se ensinar e para se aprender.

Além disso, a Didática tal qual propalada por Libâneo (2002), garantiria segurança para o professor trabalhar.

Nesse aspecto, discordamos do autor acima mencionado, porque, acreditamos que para se ter segurança na docência, não é só necessário conhecer as contribuições oriundas da Didática para Educação, porém, é imprescindível ainda outros quesitos que adquirimos antes e durante o efetivo exercício da profissão.

Assim, a seguir, elencaremos alguns desses quesitos: ter uma biblioteca particular de livros, referências bibliográficas atuais e atualizadas pelo menos na área de atuação do docente, ter ética e, principalmente, frequentar cursos de capacitação e especialização: mestrado, doutorado, e, sobretudo praticar uma Educação Libertadora que segundo Freire (1987, p.43), consistiria numa prática política onde: [...] *somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam.*

Por ora, são estas as considerações que gostaríamos de fazer sobre as Contribuições da Didática para a Educação Brasileira, porque o nosso objetivo nesse trabalho não é só mostrar essas contribuições, mas também elencar outros fatores que contribuam para o melhor desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem na Educação, por isso, no item 6, desse trabalho, apontaremos as principais relações que se estabelecem entre a Didática e algumas áreas do conhecimento.

6. Relações estabelecidas entre a Didática e algumas áreas do conhecimento

Agora, retornaremos a pergunta (f): Quais relações são estabelecidas entre a Didática e outras áreas do conhecimento? É com Libâneo (2002, p. 14) que tentaremos responder a esse questionamento:

[...] Em relação às outras posições, convém começar por dizer que estamos assistindo no campo da educação a duas tendências paradoxais. De um lado, a diferenciação das ciências humanas tem trazido maior especialização nos campos de conhecimento, como é o caso da Psicologia, Sociologia, Linguística, Teoria do Conhecimento, Teoria da Comunicação, todas com forte influência na educação.

Por outro lado, tem crescido movimento pela interdisciplinaridade, buscando a superação da especialização excessiva. A impressão, no entanto, é que essas áreas do conhecimento, com notáveis exceções, mantém uma disputa pela hegemonia no campo do ensino.

Essa postura parece abrir espaços a muitos tipos de reducionismos. Como por exemplo: a teoria psicológica do construtivismo substituiria a Didática, as teorias provindas da Psicolinguística teriam a base necessária para orientar práticas de ensino, a Sociologia voltada para o currículo, somente ela seria necessária para resguardar qualquer busca de especificidade do didático.

Nesse sentido, Libâneo (2002), não postula a hegemonia da Didática sobre as outras disciplinas, mas, pretende mostrar que para lidar com os problemas que afetam o Ensino, não é necessário retirar sua dimensão pluridisciplinar e nem camuflar a relevância da problemática epistemológica que o envolve. Talvez, o problema seja em não admitir o ensino como ponto de convergência das investigações de cunho psicológico, linguístico, sociológico, etc.

Assim, após mostrarmos, anteriormente, as contribuições oriundas da Didática para a Educação Brasileira, para o Ensino e a Aprendizagem, abaixo, veremos algo sobre as principais Tendências Pedagógicas Brasileiras e, suas relações/implicações com Educação Brasileira, o Ensino e a Aprendizagem.

7. Breve Histórico das Tendências Pedagógicas Brasileiras

Nesse item, apontaremos um breve histórico das Tendências Pedagógicas Brasileiras, desde sua origem, até os principais estudiosos que as criaram. Por isso, no subitem a seguir, faremos uma breve introdução sobre essas Tendências.

Neste breve ensaio, pretendemos mostrar um breve panorama das Tendências Pedagógicas no Brasil, além disso, almejamos ainda mostrar suas relações/implicações com o processo de ensinar e de aprender.

Nesse sentido, trataremos ainda de três tendências filosóficas que visam a explicitar a Educação Brasileira, que, de acordo com Gadotti (2006), são as seguintes: a Redentora, a Reprodutora e a Transformadora.

Assim, no subitem que se segue, trataremos separadamente de cada uma dessas tendências.

7.1 TENDÊNCIAS FILOSÓFICAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A primeira tendência a qual será mostrada é a Redentora que em consonância com Gadotti (2006), aponta a Educação como meio de manter a organização social e resgatá-la, quando for necessária, por isso, segundo Libâneo (1994), um dos maiores representantes dessa tendência é Comenius, educador checo, nascido em 28 de março de 1592, na cidade de Nivnitz, que fica localizada em Moravia, região da Europa Central, pertencendo ao Reino da Boêmia – antiga Tcheco Eslováquia.

Nesse contexto, para Comenius (1997), a Educação se prestaria para salvar os indivíduos, protegendo-os dos seus possíveis pecados, faltas.

Nesse sentido, ainda de acordo com Comenius (1997), a Educação deve reproduzir a sociedade e as ideologias presentes nessa sociedade.

Desse modo, a escola transmite a ideologia das classes dominantes e, ao invés de libertar, a escola aprisiona e reproduz as diferenças sociais, perpetuando a ideologia oriunda unicamente das classes dominantes, por isso, se a Educação seguir cegamente a Linha de Comenius (1997), deve-se deduzir que quem domina sempre dominará e, quem é dominado, sempre será dominado.

Já a Tendência Transformadora, em conformidade com Libâneo (1994), assinala a Educação como uma interação originada de um projeto social.

Desse jeito, a Tendência acima mostrada tenta intermediar as Tendências citadas anteriormente, ou seja, não postula que a Educação seja tão pujante quanto à Tendência Redentora, muito menos tão pessimista quanto à Tendência Reprodutora, por isso, em consonância com Gadotti (2006), os teóricos da Tendência Transformadora mostram que a Educação deve se embasar na História, tendo um papel ativo na sociedade.

Logo, embasado nas três linhas filosóficas anteriormente citadas é que aparecem as Tendências Pedagógicas Brasileiras.

Dessa forma, veremos no subitem 8 cada uma dessas Tendências Pedagógicas.

8 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS BRASILEIRAS

A primeira Tendência que mostraremos é a Tendência chamada de Pedagogia Liberal.

Assim, de acordo com Libâneo (1994), essa Tendência apregoa a adaptação dos indivíduos aos valores e às reformas propaladas pela sociedade de classes por meio da evolução da cultura de cada indivíduo, por isso, é dividida nas seguintes Tendências: Tradicional, Tecnicista, Renovada Progressista e Tendência Diretiva.

Já a segunda Tendência: Pedagogia Progressista, segundo Gadotti (2006), visa à análise crítica do Capitalismo, embasando-se nas finalidades sociais e políticas que permeiam a Educação.

Suas Tendências são assim classificadas:

- **Tendência Libertária:** no que tange à relação professor/aluno – essa relação possui a seguinte característica: ambos envolvidos nesse processo têm poder de decisão e no que se refere ao método utilizado por essa tendência, ele é embasado na autossugestão, ou melhor, os conteúdos são colocados à disposição do aluno, mas, não são “cobrados”, pois, o interesse é que influencia nessa relação, ou seja, se o aluno tem interesse, ele aprende, senão fica sem aprender e, já que os conteúdos não são exigidos, parece que nessa tendência o aluno pode ser promovido sem nada saber. Além disso, o papel da escola na Tendência Libertária, em consonância com Luckesi (1994) é: valorizar a aprendizagem informal via grupo, já quanto à avaliação, a forma de avaliar, ainda segundo Luckesi (1994), consiste em valorizar todo e qualquer tipo de produção feita pelo aluno e, ainda de acordo com Luckesi (1994), seus principais representantes são: Maurício Tragtenberg e Miguel Gonzáles Arroyo.
- **Tendência Libertadora:** nessa tendência, fica claro que a relação professor/aluno é embasada no processo dialógico, a saber, os seguidores dessa tendência acreditam que o diálogo propicia a transformação social, somente por e através dele, os sujeitos se transformam na sociedade, assumindo diversos papéis e funções, todavia, no que se refere à avaliação, ela visa ao desenvolvimento do senso crítico do discente, fazendo-o compreender as relações sociais entre os homens e as mulheres, culminando assim com uma reflexão absolutamente crítica da sociedade. Dessa forma, seus principais colaboradores, em conformidade com Luckesi (1994), são: Paulo Freire, Michel Labrot e Celestin Freinet, conhecido no mundo acadêmico, por apenas Freinet.
- **Tendência Crítico-Social dos Conteúdos:** de acordo com Libâneo (1994), nessa tendência, a relação professor/aluno se efetiva da seguinte forma: há troca de conhecimentos entre ambos e, quanto à metodologia, ainda em conformidade com Libâneo (1994), ela se dá na interação entre conteúdos e a realidade social que cerca tanto o professor, quanto o aluno, fundamentando-se no que Freire (1997) chama de valorizar a bagagem do aluno, ou seja, valorizar o que o aluno já conhece ou já sabe, o conhecimento que traz de casa e da comunidade onde está inserido. Contudo, quanto ao papel da escola, ela deve preparar o discente para entender, compreender, sobreviver no mundo adulto e as questões que cercam esse mundo, sendo contraditórias ou não essas questões e, no que concerne à avaliação, essa tendência trabalha com a questão da problematização dos conteúdos. Além disso, os principais teóricos dessa tendência, segundo Luckesi (1994), são: George Snyders e Demerval Saviani.
- **Tendência Tradicional:** no que se refere a relação entre professor/discente, o professor é o centro do ensino e da aprendizagem, ou seja, o professor é o agente central da Educação, ele “sabe tudo” e o aluno é considerado uma “tábula rasa”. Assim, o professor tem “o poder” de “condenar” ou “absolver”, aprovar ou reprovar, promover ou reter, em suma, o professor “tudo pode” e o aluno “nada pode”, só tem de obedecer.
- **Tendência Tecnicista:** nessa tendência, a relação professor/discente é alicerçada sobre funções bem definidas entre docentes e discentes. Já quanto ao método é embasado na transmissão/recepção de informações por parte de professores e alunos e, a função da escola também muito definida: moderadora – procura buscar o equilíbrio nas relações entre professores e alunos, ou melhor, visa a controlar o comportamento humano por meio de manuais fornecidos por especialistas, pretendendo ainda forma-mão de obra qualificada para atuar na sociedade. E a avaliação é tida como verdadeira, inquestionável, pois, tudo o que se diz deve ser considerado como algo sólido, certo, preciso, objetivo e racional. Além disso, seus principais precursores, de acordo com Libâneo (1994), são Skinner, Briggs, Glaser, dentre outros.
- **Tendência Renovada Progressista:** também conhecida como Escola Nova ou Escolanovismo. Nessa tendência, a relação professor/aluno se dá seguinte forma: relacionamento equilibrado, apropriado e democrático. Já quanto ao método é embasado em pequenas descobertas e, a avaliação é qualitativa, os seus principais representantes, segundo Libâneo (1994), são: John Dewey e Franz Cizek.

- Tendência Não-Diretiva: a relação professor/aluno se estabelece da seguinte maneira: é embasada totalmente no aluno, o docente, de acordo com Luckesi (1994), é apenas um facilitador da aprendizagem e, a função da escola prima pelas atitudes dos alunos.

Já o método consiste em sensibilizar os alunos para melhorar a relação interpessoal. Quanto à avaliação, trabalha-se com autoavaliação, que torna essa tendência bastante flexível, pois, os estudantes avaliam o professor, mostrando pontos fortes e fracos, positivos e negativos.

Com isso, o professor pode mudar a sua postura no que tange ao ensino e aprendizagem dos alunos, porque, esse tipo de avaliação torna o aluno sujeito não do ensino, mas também da aprendizagem. E o principal representante dessa tendência é Carl Rogers.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, nota-se que as escolas brasileiras e os atores nela envolvidos devem adotar as considerações que fizemos sobre o Ensino e Aprendizagem e, adotar uma das tendências anteriormente citadas, contudo, não podem descartar também as vantagens oferecidas pelas outras tendências no que tange ao aprimoramento da forma de avaliar e, do desenvolvimento do Ensino e da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC – Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Estudos apontam a falta de 250 mil professores no Ensino Médio**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br>, acesso em 06 de fevereiro de 2011. CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo, Scipione: 1998.

COMENIUS. (Tradução Ivone Castilho Benedetti). [...] **Didactica Magna**. São Paulo, Martins Fontes: 1977.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 8ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1982.

_____. **Educação e mudança**. 21ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 18ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1988.

FERRAREZI Jr., Celso. **Livres Pensares**. Porto Velho/ RO, EDUFRO: 2003. FERREIRA, Aurélio Buarque de Almeida. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2001.

GADOTTI, MOACIR. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 8 ed. São Paulo, Ática: 2006.

GILBERTO, Teixeira (2005). **Ensino e Aprendizagem**: em busca de um significado. Disponível em www.google.com.br, acesso em 07 de setembro de 2010.
HIRST, Paul H. (1971). What is teaching? **Journal of Curriculum Studies**. Vol. 3. Nº 1, p. 5 a 18. Trad.: POMBA, Olga (2001). Disponível em www.google.com.br, acesso em 07 de setembro de 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática velhos e novos temas**. Goiânia, Editora do Autor: 2002.

_____. **Didática**. São Paulo, Cortez: 1994.

PASSMORE, John. **The Philosophy of Teaching**. London: Duckworth, 1980. Trad.: POMBO, Olga (1994/1995). Disponível em www.google.com.br, acesso em 7 de setembro de 2010.

REDEGIFE, Roberta Pavon (2002). **Salário de professor primário brasileiro é o terceiro pior do mundo**. Disponível em <http://www.abrelivros.org.br>. Acesso em 16 de março de 2011.

WEISS, Telma; SANCHES, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo, Ática: 2001.